

Brucellose humana e dos animaes

Delphin de Mesquita Barbosa

Médico Veterinario — Prof. de Pathologia e Clinica Médica da Escola de
Agronomia e Medicina Veterinaria da Universidade do Rio Grande Sul.

Exmo. Snr. Presidente e demais membros da Sociedade de
Medicina do Rio Grande do Sul.

Li no “Correio do Povo” de 6 do corrente a noticia da ultima reunião dessa Sociedade Científica, aliás, todas são sempre lidas por mim, com grande prazer.

Acontece, porem, que nesta tive a atenção presa no resumo de um trabalho do ilustre médico Dr. Antonio Bottini sobre: — “Brucellose Humana”. Fez êle citação dos trabalhos de Arlindo de Assis, Aben Athar, Carini e Vepuci, Lacorte, Gonçalves Carneiro e do eminente professor Pereira Filho, descrevendo ainda uma bela observação em sua clínica, terminando a comunicação com a interrogação: “A acção patogênica da brucellose abortus bovis é a mesma para os animais e para o gênero humano?”

Lendo esta interrogação, firmou-se em mim a convicção que a muito venho tendo, isto é: a necessidade que existe do contacto mais íntimo entre os médicos humanos e os médicos veterinários, com relação ás moléstias comuns aos homens e aos animais.

Já se foi o tempo em que o título de veterinário era empregado com fim pejorativo. O médico veterinário de hoje tem base sufficiente para estar em contacto com o médico humano e tomar parte nas suas reuniões e discutir os assuntos que lhes são correlatos. O médico veterinário de hoje, estuda Fisiologia, Histologia, Anatomia Patológica, Anatomia Comparada do homem e dos animais, Bacteriologia, Higiene, bem como a inspecção de produtos de carne, leite e seus derivados, gêneros de primeira necessidade na alimentação humana.

Portanto, creio, o médico veterinário deve mesmo, ser ouvido pelo médico humano, com relação ás moléstias que atacam indistintamente os homens e os animais.

No Brasil existe: a Tuberculose, o Carbunculo, a Raiva, a Aftosa, a Brucellose etc., além das moléstias parasitárias, *comuns aos homens e aos animais*, as quais vêm sendo estudadas, com carinho, por um grande número de médicos veterinários. Nos estudos de Tuberculose, temos: os médicos veterinários, Vitor Carneiro, Alexandre Melo, Epaminondas de Souza, Silvio Torres, Desidério Finamor, Pedro Rolin, o signatário do presente e outros; sobre o Carbunculo, seria fastidioso enumerar os co-

legas, no entretanto, cito apenas um caso passado comigo no município de Cipó, no Estado da Baía. Tendo o proprietário de uma pensão, aproveitado a carne de um bovino morto sem observação veterinária, ao tirar o couro deu um corte no dedo, manifestando-se pústula maligna; o pobre homem recorreu ao médico da localidade, foi á capital do Estado, consultou vários médicos, sem que nenhum chegasse á conclusão do mal ou, pelo menos, lhe indicasse a aplicação do sôro anticarbunculozo como recurso; voltando êle no mesmo dia a Cipó, eu lhe fiz ciente de que devia recorrer ao sôro; foi mandado um próprio á capital buscar recurso e quando regressou, o infeliz já havia morrido.

Nos estudos de Raiva, estão se salientando hoje em médicos veterinários, e entre êles: Silvio Torres, Blanc de Freitas, Moacir de Souza, Gesualdo Grocco, Freitas Lima, Alvaro Sales, Vital Costa, Durval Valadares. Na Aftosa, temos: Otávio Dupont, Moacir de Souza, Américo Braga, Silvio Torres, Iris Abreu Martins, Argemiro de Oliveira. Nas moléstias parasitárias e em inspeção de produtos de origem animal: Otto Pecego, Murilo Sampaio, Fróes da Cruz, Silvestre Scharra, Taltibio Silveira, Sá Erp, Belizario Tavora, Osvaldo de Carvalho e Silva; e, por fim, deixei justamente para falar em Brucelose, moléstia hoje provado o seu contagio do animal ao homem. Começarei a falar no recente trabalho do Dr. G. Radules-Calefet, médico-veterinário da cidade de Bucarest, membro correspondente da Sociedade de Patologia Comparada e de Higiene Geral de Paris.

Em seu trabalho o colega diz: “Os casos de brucelose verificados em animais e homens, em Bucarest e em seus arrabaldes, embora menos frequentes que os descritos em outros centros da Europa Central e Ocidental, são devidos, até a hora actual, á infecção pela Brucela Abortus. Não se puderam registrar aqui casos que se possam atribuir, com exatidão, ao contágio pela Brucela Melitensis, e o facto é explicavel pelo ínfimo número de cabras existente nesta cidade. Um só caso suspeito de melitococcia, e somente passageiro na cidade, foi constatado num official que veio de um quartel do litoral do Mar Negro, cujos antecedentes mostravam haver êle consumido leite de cabra.”

Depois de um longo histórico dos trabalhos procedidos nas fazendas dos arrabaldes de Bucarest, diz o Dr. Calefat no seu maravilhoso artigo “*Verificações actuais*” — “Diante da impossibilidade, nas condições presentes, de empreender uma acção geral, capaz de identificar e de englobar, numa estatística geral, todas as bruceloses de Bucarest, assumimos a tarefa de controlar, pelo menos, de perto, sob o ponto de vista de bruceloses, os estados sanitários de todos os animais leiteiros de todas as pessoas que vivem em contacto com os animais, disseminados na superfície de um sector inteiro da Capital, que é dividida; sob o ponto de vista administrativo, em quatro grandes sectores.”

“Nossa acção se desenvolveu no quarto sector N. O. da cidade, que compreende o pequeno e o grande arrabalde deste sector, onde

foram submetidos ao controle de sôro-aglutinação, todos os bovinos, bem como a maior parte das pessoas que vivem em contato com êsses animais: fazendeiros, leiteiros, moços manipuladores ou distribuidores de leite, e, também, um número suficiente de indivíduos que não estavam em contato com os animais, porem, que consumiam seus produtos."

"Tanto nós, como nossos auxiliares, agentes e homens de serviço, submetemo-nos ao mesmo controle. E á medida do possível, nos lugares infectados, foram submetidos a mesma prova comparativa: os cavalos, os porcos, as carneiros, os cães e, raramente, os búfalos.

Eis, em resumo, os resultados das observações feitas na ocasião do nosso controle sanitário:"

(Para não alongar esta descrição, transcrevo apenas quatro das doze citações feitas pelo autor do trabalho, precisamente as quatro que dizem respeito ao homem.)

"1.^o — A existencia de brucelose animal e humana, devida á *Brucella abortus bovis*, é bastante evidente entre os animais de Bucarest e de seus arrabaldes, como também entre os homens desta cidade que vivem em contato com êsses animais ou que consomem seus produtos: leite, crème, manteiga, queijo branco, coalhada, etc.

"2.^o — A frequencia de Brucelose humana vai, nos meios infectados por *Brucella abortus*, de 27% (Tatarano, em Pautelimon) até 75% (Albesco Iliesco, em Rochon), segundo o exame do sangue, contando também as reacções francamente positivas.

"3.^o — A contaminação directa ou profissional é a mais frequente: o pessoal de estábulo, os leiteiros, os veterinários, os auxiliares, seus homens de serviço, são os mais frequentemente atingidos e dão as sôro-aglutinações positivas mais elevadas.

Casos de resistência natural e casos de receptividade excepcional foram notados. Assim um confrade que teve oportunidade de praticar, quasi todos os dias, casos de distocia e que ingeriu de um a dois litros de leite cru por dia, jamais sentiu nenhum sintoma característico de febre ondulante e jamais apresentou uma sôro-reacção positiva. Ao contrário, um dos nossos auxiliares, que nunca teve oportunidade de auxiliar-nos em casos de distocia e que é mesmo anafilático para o leite e seus derivados, mas que sempre nos auxilia nas vacinações anticarbunculosas, nos estábulos indenes, como também nos infectados pela brucelose, apresenta, ao contrário, sintomas típicos de febre ondulante, com sôro-aglutinação intensamente positiva.

4.^o — A contaminação indirecta, muito menos frequente, deve se atribuir, na grande maioria, aos casos de alimentação lactea. Em certos casos, a sugeira da água de beber, a dos legumes pelas dejecções de animais infectados, representa a única explicação plausível da contaminação dos indivíduos que não consomem produtos lacteos. Até o presente, a contaminação indirecta pela manipulação de carnes não foi posta em evidência.

Em 2.630 sêros examinados, em um só laboratório, e provenientes de indivíduos que não estavam em contacto com bovinos, mas, que se alimentavam de leite ou de seus derivados, registraram-se, somente, 152 aglutinações, cuja maioria fracamente positiva e somente 6 casos intensamente positivos; ao passo que, para as pessoas que vivem em meios infectados de brucelose bovina, as aglutinações positivas ultrapassam, as vezes, a percentagem de 70% (arabalde Rochan)."

Este trabalho continúa dando outros resultados.

Passarei agora a falar das observações feitas sobre a brucelose, por médicos veterinários patricios.

Em maio de 1930, os médicos veterinários, Cícero Neiva e Alexandre Melo, escreveram um artigo sobre "Moléstia de Bang em São Paulo". Dizem os autores:

"Entre nós, que saibamos, é este o primeiro trabalho que aparece firmando a existência, pelo menos no território do Estado, de *Brucella Abortus Bovis*, que conseguimos isolar, tendo-se feito igualmente a profilaxia do mal em uma grande fazenda de criação, pelo método de Bang: sêro-diagnose e isolamento dos reagentes. A moléstia de Bang é também contagiosa ao homem, através do leite e derivados não pasteurizados e por outros vectores, nêle determinando um estado infeccioso febril de caracter tifoide, e o abortamento nas mulheres pejadas."

Em junho de 1934, o médico veterinário Cícero Neiva, escreveu um artigo sobre "Aglutinas para o gênero *Brucella* em sêros de animais". Depois de apresentar uma serie de provas conclue o seu artigo no seguinte resumo:

"Foram feitas provas de aglutinação em 1.482 sêros de animais na maioria abatidos, para consumo da Capital de São Paulo, no Matadouro da Cia. Armour do Brasil.

Os antígenos empregados se constituíam de amostras de *Brucella Abortus*, *Br. Melitensis* e *Br. Suis*.

Esses sêros assim se distribuíam: 414 de bovinos que deram 28 reacções positivas a 1:100 e acima; 216 de caprinos, com 3 provas positivas a 1:100 e um a 1:200; 208 de ovinos com uma só reacção positiva a 1:100. Em 644 sêros de suínos houve alta percentagem de aglutinações positivas consideradas assim provas iguais a 1:100 e acima, num total de 44,04%."

Resulta destas observações que a fonte principal de infecção humana deve ser, em São Paulo, a especie suína, de acôrdo, não somente com resultado aqui consignado, como também pelas verificações de casos humanos de brucelose já registrados em São Paulo, terem *Br. Suis* como agente etiológico e finalmente pelo insulamento deste germe por Penha (veterinário) e por Pacheco, em porcos dêste Estado."

Ainda em 1930, o médico veterinário Silvio Torres constatava pela sôro-aglutinação a existência de brucelose, no Estado do Rio.

O primeiro caso humano de brucelose em São Paulo foi descripto por Antonio Carini, que apesar de médico humano, muito se tem dedicado a pesquisas veterinárias e B. Vespuci; identificaram êles a Br. Suis em um tripeiro, tendo esta identificação impressionado o Diretor do Serviço Sanitário do Estado, que por sua vez nomeou uma comissão composta de médicos humanos e médicos veterinários que ficou constituída com o título de "*Comissão de estudos da febre ondulante em São Paulo*". Em seguida o médico veterinário Vitor Carneiro isolou a Br. Suis, do sangue de um operário manipulador de carne de frigoríficos, cuja descrição clínica foi feita por E. Framonti.

Êste ano ainda apresentaram belíssimos trabalhos os médicos veterinários Alexandre Melo, Otto Pecego, Eloi Harman e José Bifoni.

O primeiro com o título "Nova amostra de brucela abortus isolado em São Paulo" e os três últimos em colaboração o trabalho com o título "Contribuição ao estudo de infecção brucelica nos suínos".

Alem destes trabalhos já citados, existem outros que não possuo no momento entre os quais: "Um caso de patologia bovina em medicina humana" pelo médico veterinário Alexandre Melo e o primeiro relatório da Comissão de estudos da febre ondulante em São Paulo.

Saindo fôra da brucelose, lemos no número de 31 de agosto dêste ano do "Brasil Médico", um artigo — Nota Previa — dos médicos Genesio Pacheco e Cavaleanti Proença sôbre a transmissão da Raiva pelo sangue, cujo artigo foi respondido pelo "Correio do Povo" de 24 do mês p. pdo. pelo médico veterinário Gesualdo Crocco, aonde poem em evidência os muitos e vários trabalhos originais seus, sôbre êste assunto e publicados no Almanaque do "Correio do Povo" em 1920, na Hygia, jornal médico, de maio de 1928; na "Estancia", Set. de 1928; na Revista Ceres, 1930, bem como trabalhos dos médicos veterinários Rehag e Henrique B. de Freitas.

Como vêm, srs. membros da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul, com a exposição que acima faço, quero apenas demonstrar a necessidade que existe na íntima colaboração entre o médico humano e o médico veterinário em prol do muito que poderemos, juntos, fazer pela população do nosso caro Brasil.

Espero que aceiteis esta modesta colaboração, como inicio do elo que em futuro muito próximo aproximará as duas classes para colaboração científica de grande alcance para ambas.